



CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

Escriptorio, Rua Ouvidor 115

A CIGARRA

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 27 de Junho de 1895.

N. 8

A CIGARRA

Desde o nosso apparecimento, não houve ainda um só dia em que não recebessemos pelo correio, não só da capital como de varios pontos do interior, cartas de collegios, clubs, sociedades litterarias e musicaes, bibliothecas, etc., pedindo-nos a remessa gratuita d'*A Cigarra*.

Ora, quem sabe como é cara a impressão no Brasil deve imaginar que *somma* de esforços exige a manutenção de uma folha como esta, nos primeiros tempos de sua existencia. Enviamos *A Cigarra*, gratuitamente, ás principaes bibliothecas e aos principaes jornaes do Brasil. Se do mesmo modo fossemos enviar a todas as pequenas folhas que formigam nos Estados, nem o quintuplo da nossa tiragem chegaria para attender a tantos pedidos. E é preciso ainda contar com os *amigos* d'*A Cigarra*, que descobriram, para demonstrar a sua amizade, este meio facil: não lhe dar dinheiro a ganhar.

Acabemos com isso! *A Cigarra* só é enviada gratuitamente ás principaes bibliothecas, aos principaes jornaes e aos principaes homens de letras do paiz. Mas, para que ninguem se queixe de nós, aqui repetimos o que já foi dito.

*Ha um meio commodo, facil, natural, delicioso de obter uma assignatura gratuita da mais bella publicação illustrada do Brasil — é obter quatro assignaturas quites. Basta enviar á administração o importe das quatro assignaturas e o endereço dos quatro assignantes, para ter o direito de admirar de graça *A Cigarra*.*





QUERO hoje, senhoras minhas, dedicar toda esta chronica aos vossos interesses, como já ao vosso louvor e á vossa adoração dediquei toda a minha vida—tão pequena (aí de mim) para tão grande amor!...

Quando penso em vós, noto que, se ha muita gente para vos amar, ha pouca gente para vos defender. Em geral, os homens, quanto mais amam as mulheres, mais as accusam. Não ha homem casado que não deblatere cá fóra contra o que chama os horrores do casamento. Não ha um genro que não acabrunhe as sogras ao peso das mais tremendas maldições que jámais sahiram de bocca humana. Não ha pae que se não queixe amargamente das contas que as filhas fazem no armario. Em summa, preci-

snes de advogados, senhoras minhas!

Todos os vossos adoradores fogem á responsabilidade da adoração, quando chega o momento, em que além de ter, para cantar vos, mente ás musas dada,—se faz preciso ter, para servir-vos, braço ás armas feito.

E assim, constantemente alimentada pela ingratidão, vae crescendo essa odiosa campanha de diffamação que vos offende. Basta! Eu, *desfacedor de agravios, enderecador de tuertos, amparo de las donzellas, padre de las viudas, vencedor de las batallas, y assombro de los gigantes*,—saio a campo, de penna em riste, cavalheiro do Amor.

Senhoras minhas! vingae-vos, gastando ainda mais dinheiro! Saqueae os armarios e os joalheiros, deitae abaixo todas as prateleiras dos armazens de modas,—gastae, senhoras minhas, gastae dinheiro sem conta nem consideração. Para que é que as minas de ouro palpitam? para que é que os teares da China rumorejão? para que é que os rios rolam diamantes?—gastae, senhoras, gastae! Que paes e irmãos, maridos e filhos, arruinados e quebrados, conheçam, emfim, o vosso poder, e comprehendam que as religiões precisam da pompa do culto externo.

O egoismo das calças desce, ás vezes, a degrãos infamissimos. Ha sujeitos que se gabam de ter amado cem mulheres... de graça. Que abjecção! Que maior consolo que o de ir a gente parar a Fernando de Noronha, só para que o seu idolo, sumptuosamente posto ao fundo de um tabernaculo radiante, resplandeça, arreado de ouros e pedrarias, na eterna gloria de sobrehumano fausto?

Para verberar o vosso amor do luxo, não faltam chronistas (e notae que a raça dos chronistas, a começar por mim, é a raça mais amorosa e a mais digna de amor que conheço!) não faltam chronistas que emprestem a essa propaganda ma'vada a sua penna e o seu espirito. Ainda ha poucos dias, *Garruche, d'O Pais*, ridicularizou as mangas de presunto, que usaes actualmente. Pensaeis que o poeta ache feias as mangas, só porque

em cada manga d'aquellas
caibam trinta... da Bahia?

Puro engano! o poeta, como homem e advogado dos homens que é, revolta-se apenas... contra a grande quantidade de fazenda que gastaes para a confecção dos vossos *presuntos*. Avareza, senhoras minhas, avareza! Nós somos todos uns avarentos... Lembrae-vos do que Hamleto diz a Ophelia: Eu mesmo, que vos fallo, sou passavelmente honesto, e entretanto... Sou orgulhoso, vingativo, ambicioso... Nós somos todos uns avarentos, Ophelias minhas! ide! ide para um convento!...

Para um convento, não! ide para os armazens de modas... Vingae-vos!...

Porque a culpa é vossa, e das vossas condescendencias, e da vossa cordura. Deixaes que os homens vos dominem, que vos supprimam, de um em um, esses pequeninos nadaes que são os attributos essenciaes da vossa belleza e da vossa gloria.

Consentis primeiro que vos recusem a carruagem. Dizem-vos que o cambio está mau, que a alfafa está pela hora da morte, que é muito difficil arranjar cocheiros e grooms, e com essas e outras razões de Harpagon, condemnam-vos a andar a pé...

Andar a pé! A pé, por estas ruas esburacadas, cheias de lama e lixo! a pé, por estes parallelipedos réles! a pé!...

O poeta Raymundo, n'um assomo lyrico, acha que nada é mais bello do que vêr uma bonita mulher, em dia de chuva, molhando os pés nas poças de agua:

Vaes, e molhas-te, embora os pés levantes...

— Par de pombos, que a ponta delicada

Dos bicos mettem na agua, e, doudejantes,

Bebem nos regos cheios da calçada...

Pois sim! Isso póde ser bonito em verso, mas é horrroso em prosa. Pés não são pombos: são pés! Pés que se molham,—resfriam-se, pés que se resfriam—causam defluxos. E toda essa poesia de pombos, que bebem nos regos cheios da calçada, acaba n'isto: um par de botas sujas de lama e um nariz grosso e róxo de coryza.

Depois, feita essa primeira concessão, estaes perdidas! De concessão em concessão, chega-se á escravidão.

Ultimamente, no *Lyrico*, tenho observado uma cousa revoltante.

Porque é preciso que o saibaes: no *Lyrico*, enquanto estaes olhando para Novelli, eu estou olhando para vós. Gosto muito de Shakespeare, gosto muito de Novelli, mas gostó ainda mais de mulheres bonitas.

Pois bem: tenho notado que mostraes actualmente uma pobreza dolorosa de *toilettes*. Sempre os mesmos vestidos, que horror! A mulher bonita que se préza, é incapaz de usar duas vezes o mesmo vestido, minhas senhoras! O vestido, uma vez usado, dá-se á creada, minhas senhoras!

Um vestido velho sobre o corpo é mais feio do que uma nodoa sobre a reputação ou um remorso sobre a consciencia. Antes morrer! antes ser feia! antes ter uma espinha na ponta do nariz! Uma mulher compromette-se mais, apparecendo em publico com um vestido usado, do que com um amante usado ou novo.

Eu, por mim, não posso admittir isso! Que quereis? Vivo de vos contemplar e de vos admirar. E' preciso que não me desgosteis, dando-me aos olhos esse cruel espectáculo, que me enche as noites de insomnia e a alma de desillusões. Basta, minhas senhoras! isso não póde continuar! E' preciso iniciar um movimento forte de reacção contra esse crime.

E o meio é este: dominar os pais; dominar os maridos; obrigar-os á boa comprehensão do que vos devem, em amor, em vestidos, em obediencia e em joias; metter-lhes na cabeça, á força de persuasão, a ideia de que os homens se fizeram para viver derreados ao peso da canga e as mulheres derreadas ao peso do luxo. Empregae todos os vossos recursos!

Recorrei primeiro aos meios brandos: ao sorriso, á lagrima, ao beijo, á supplica. Se esses meios não bastarem, ide aos outros: ao arrufo, á rixa, á suspensão das garantias conjugaes. ao estado de sitio domestico, ás imprecações, á... Mas, já deveis saber, melhor do que eu, o que a gente faz, quando perde a calma nestes casos!

Fazei o que quizerdes, comtanto que eu vos veja bellas e ricas, bem vestidas e bem calçadas, dentro de carruagens atreladas á Daumont. Este é que é o caso.

**

Dir-me-ão os interessados, para provar que sou suspeito,— que não sou marido nem pae.

Que tem isso? Ah! malvados! eu, se fosse marido ou pae, não daria conselhos: daria exemplos!

Fantasio.



(FRAGMENTO)

Leandro pediu a sua exoneração do emprego publico na mesma semana do casamento.

Este foi num sabbado, ás cinco horas da manhã, sem pompas e sem ruido; era nada mais que o meio de coonestar o namoro de Leandro com minha filha. O seu estado de noivos continuava por bem dizer como dantes; simplesmente, já desposados, gosavam de mais liberdade entre si, e poderiam, á sorrelia, ir mais longe nos seus galanteios. Quiz, intencionalmente, crear-lhes um transitivo periodo de beijos furtados e desejos mal contidos. Isso era necessario. Seria preferivel essa iniciação da sexualidade a deixal-os, conforme o costume, promiscuamente encerrados n'uma alcova, durante muitos dias seguidos.

E' torpe lançar na mesma cama, sem transição, um rapaz e uma donzella, que horas antes se tratavam ainda com certa cerimonia e só se amavam por palavras, olhares e sorrisos. O salto é muito brusco; ha de fatalmente perturbal-os. Reinará sempre mais vexame do que felicidade entre o casal, que se vê duramente entalado na decantada lua de mel.

Não penso, todavia, com o Conde de Tolstoï que o noviciado do amor seja analogo ao noviciado do vicio de fumar, e produza no iniciante as mesmas nauseas e os mesmos incommodos; males terriveis, que os pacientes, não obstante, disfarçam em ambos os casos, sem coragem para dizer francamente que a lua de mel é uma repugnante tortura, e que o fumar não merece as honras de um bello prazer. Não! o amor é natural, e por isso não deve causar nauseas, no começo, como no fim. A lua de mel, consoante nossas praticas, é que não é natural, e deve constanger tanto a noiva como o noivo. Ella fica mortalmente ferida no seu ingenito decoro de mulher, e no seu congenial pudor de donzella; e elle, naturalmente ainda mais timido que a sua companheira de supplicio, pois todo o homem, em questões de amor, é sempre mais timido que qualquer mulher, soffre revoltado pelo grosseiro e aggressivo papel de verdugo, que tem de representar contra uma virgem, pela qual, no seu enlevo de amante, daria a vida se fosse reclamada.

Além disso, nas cruentas vicissitudes do iniciamento conjugal, revelam-se na esposa naturaes manifestações que, por decoro, devem ser escondidas aos olhos de todo e qualquer homem, ainda mesmo que seja este o proprio consorte.

E' preciso, em honra da moral e do respeito á natureza, que a consumação do amor, venha, não ex-abrupto, mas como o fatal e ultimo elo de uma deliciosa e progressi a cadeia de ternuras; é preciso que ella seja a extrema nota de um crescendo de beijos; é preciso que esse momento supremo chegue naturalmente, chamado por todo o corpo, reclamado por todos os sentidos, e não decretado friamente por uma lei sacramental, n'uma situação adrede preparada pela familia dos noivos. Para que tão transcendente destino physiologico se cumpra, sem detrimento do pejo femil e da dignidade virginal, é indispensavel que os dous agentes não tenham, no acto, absoluta consciencia, nem a menor preocupação de o consumarem; é preciso que o seu arroubo amoroso haja chegado á loucura, depois de vibrada toda a escala de caricias, e lhes roube, nesse subito instante delicioso, a luz do julgamento e da razão; e que os dois, na insanía do seu desejo, sem juizo para reflectir, sem olhos para ver, esquecidos de tudo e cada um de si mesmo, se confundam n'um só desvairamento de volupia, e só acordem do seu transporte, e só dêem accordo do seu espirito, depois da ampla consumação carnal.

A crise amorosa, levada pelas caricias ao auge do desejo, attinge ás proporções do delirio; e esse delirio, essa momentanea inconsciencia dos actos praticados, é o véo providencial com que a natureza esconde, castamente, no supremo instante da victoria da carne, a nudez do homem aos olhos da mulher, a nudez da mulher aos olhos do homem.

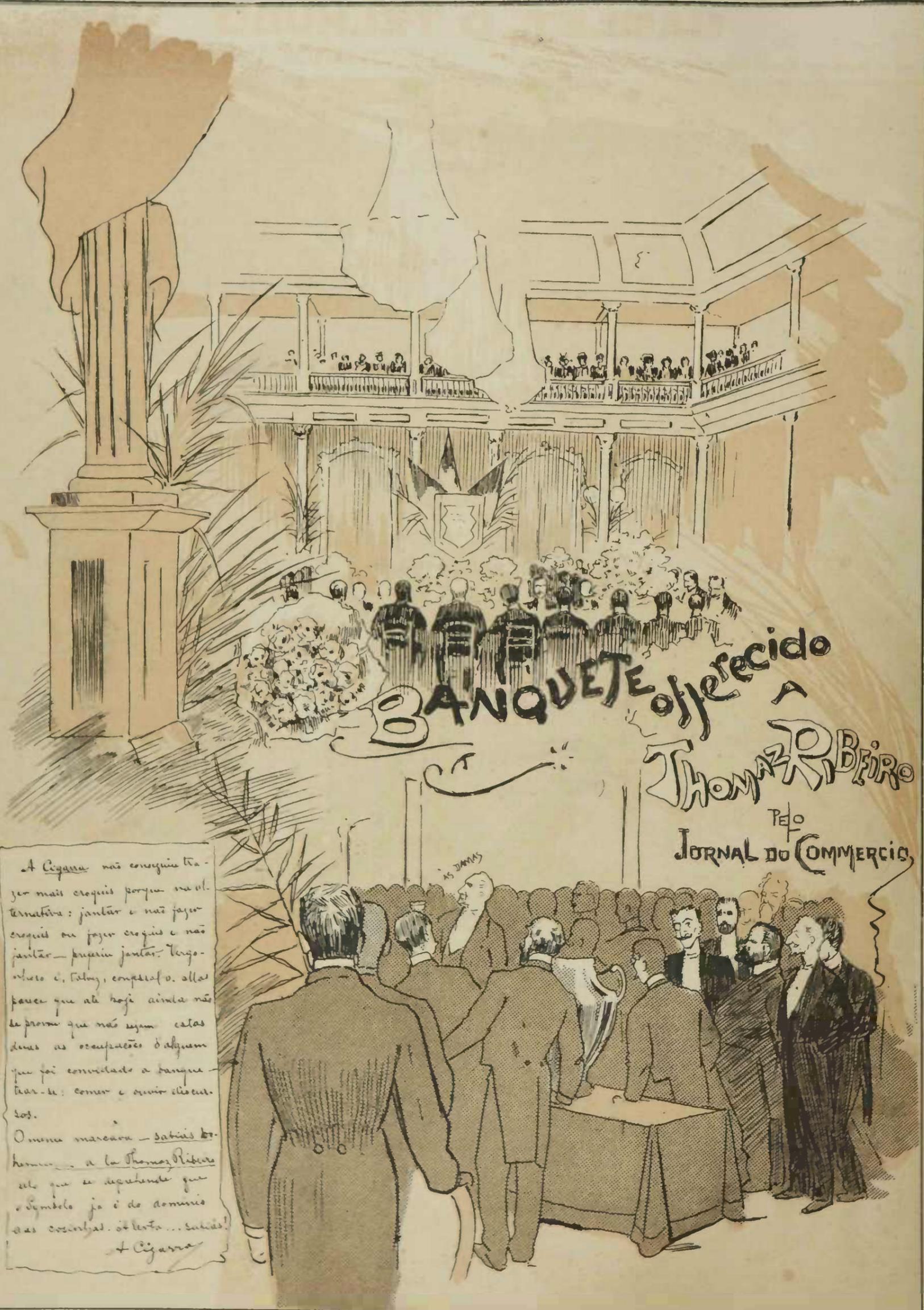
Sem esse véo, que os envolve e os occulta á vergonha um do outro, o primeiro amor de uma donzella fica tão prostituido como esses frios amores, que os libertinos compram no regaço das perdidas. Ao contrario do que disse S. Matheus, no versiculo 28 do seu livro, e com o que Tolstoï fecha o seu duro libello nihilista contra a propagação da especie, todo o contacto carnal, que não vier precedido de um desejo inventivel, é immoral e vicioso. E, pois, todo o enlaço de sexo, produzido exclusivamente pela fatalidade dos instinctos, sem intervenção absoluta da vontade moral, não é obra da creatura, é sim da natureza, ou de Deus, e como tal deve ser respeitavel e sagrado, seja elle na vida dos homens, ou na vida dos brutos, ou na vida das plantas, ou, quem sabe? na vida dos astros!

Haverá cousa mais repugnante e mais estúpida do que esse velho costume de preparar a cama dos noivos? e cobri-la de flores, e cercal-a de obscenos cuidados? E mais: depois de um baile, depois de escandalosas formulas e cerimonias, em que entram véos brancos, e grinaldas de flores symbolicas; e depois da vexatoria exposição das duas victimas a todos os olhares e intimos juizos dos convidados, conduzir a pobre noiva, toda paramentada, para o quarto que lhe destinam, para o tóro do defloramento, no meio de um ceremonial de palavras e gestos, trocados entre madrinhas e padrinhos; e depois — abandonal-a ao noivo, de quem se presume não haja nunca recebido uma caricia sensual; e deixal-os a sós, presos na mesma alcova, forçosamente distrahdos do seu desejo, a olharem-se um para o outro, sem ter nenhum o que dizer, que não seja affectado e banal; ella a tremer, intimidada pelo desconhecido e pelo terror do que a espera; elle constrangido e afflicto, por sentir-se fóra dos seus habitos regulares e longe do seu bem estar, e tendo de despir-se, alli mesmo, defronte de uma virgem e deitar-se com ella na mesma cama, e, afinal, tomal-a convencionalmente nos braços, emquanto a paciente, com toda a lucidez do seu espirito, entanguida e sarapantada de susto, em vez de pensamentos de amor, em vez do apocrypho « *Enfin seuls* », só rumina e babuja entre dentes esta phrase ridicula e medrosa: « É agora! »

Então, haverá cousa mais repulsiva e mais barbara, do que isso?

Ainda hoje me doem amargamente no coração as angustias que soffri, na minha primeira noute de casamento, e juro, não obstante, que amava muito meu marido, e que, muito e muito, o desejei antes, nos meus enganosos sonhos de felicidade. Mas, quando me vi a sós com elle, fechada no mesmo quarto, o meu desejo unico foi fugir e pedir soccorro.

Toda aquella indecorosa encenação de amor; todo aquelle ceremonial de que cercaram o meu thalamo; todo aquelle desusado e insociavel luxo de que sobrecarregaram o apo-



BANQUETE oferecido
 a
THOMAS RIBEIRO
 pelo
JORNAL DO COMMERCIO

A Cigarra não conseguiu tra-
 zer mais croquis porque não al-
 ternativa: jantar e não fazer
 croquis ou fazer croquis e não
 jantar — preferiu jantar. Tingo-
 mbuco e, talvez, compêndio. Ollas
 pauca que ali hoje ainda não
 se prova que não sejam estas
 duas as ocupações d'alguem
 que foi convidado a banque-
 tar-se: comer e ouvir discurs-
 sos.
 O meu maracá — sabias de-
 humar — a la Thomaz Ribeiro
 este que se apresenta que
 o Symbolo ja é do dominio
 das cozinhas. Ollas... sabias!
 + Cigarra

HAMLET, O TELHUDO

De como se prova que Hamlet tinha telha

(POR UM LEITOR ASSIDUO DE SHAKESPEAR)



Criança ainda ouviu as mais severas reprovções por duvidar do latim.



Mais tarde, na idade em que manda aos ninhos, tentou incutir no espirito de Laertes a duvida sobre a existencia dos melros.



Foi depois da morte do pai que elle variou de todo e que comecou a andar disfarçada e disfarçada a pretexto de andar de lucto.



Atte requir multissim a biblioteca real por nos encontrar nos li-vros sems - palavras (!) (E preciso lembrar que ain-da não existiam os li-vros de cheques, o que a-ria uma atenuante)



De tanto repetir a Ophelia que acabou para um concerto



Deu com ella em floresta... maluca.



Quando um amigo inquiria da sua saude im-bingia-the um instrumento de vento e pedia - the que tocasse o... God save the Queen.



Tinha, em rubros, peccadelos que foi do - tenho com muita razão...



É - para concluir - espejava-se indecivelmente nos salbés em mo- tis de receita particular. No principio? Ora de tudo isto não dá a um assiduo leitor de Shakespear o di- reito de dizer desassombadamente que Hamlet era um telhudo - mas sei que lhes fidec.

Nicolau Coisa (barba)

Pela exactidão da copia

J. MOVAQADO.

sento, illuminado por uma lampada de vidro azul; e o luxo affectado e espectacular da cama, e o luxo intencional de rendas e fitas na camisa que me vestiram, e os calculados perfumes que me puzeram no corpo; tudo isso, tudo me sobre saltava e me fazia nervosa. De mais, o ar de Virgilio tambem me constrangia; elle não tinha nessa occasião as suas mancinhas simples, o seu ar franco e sympathico de bom rapaz; estava até esquelado, desajeitado, procurando disfarçar o seu invencivel embaraço.

A verdade é que nós sentiamos corridos e vexados, comparando assim, um de frente do outro, naquella isolagem de alcova, mais que os dous criminosos do paraizo, no momento do peccado capital. Prenderam-nos alli dentro, para que? Para uma coisa inconfessavel e ridicula, desde que não era naturalmente provocada pelos transportes da nossa mocidade, posta em jogo pelo amor. Não tinhamos palavras um para o outro. Virgilio, todavia, cahio-me aos pés, beijou-me as mãos e agradeceu-me com bonitos termos—aquella felicidade que lhe era, afinal, concedida depois de tanto de seada.

Aquella felicidade! mas eu sentia perfeitamente que tudo isso, affirmado por elle nessa occasião, não era sincero; dizia-o para dizer alguma coisa, para dar qualquer solução aquella scena difficil; e o que eu lhe respondi foi tão falso como o que elle me mentio. Se eu lhe pudesse fallar com franqueza, se não fosse offender-o confessar-lhe a verdade, dir-lhe-ia que, naquelle momento, o meu desejo era só, e só, que elle se retirasse da minha presença; dir-lhe-ia que, naquelle instante, tudo desejava, menos fazer a consumação carnal do amor que eu lhe dedicava.

E percebi claramente que Virgilio ia lançar-se nos meus braços, não por impulso do seu amor, aliás forte e verdadeiro, mas porque era essa a sua obrigação de noivo; percebi claramente, e apanço, que, se elle pudesse saltar por cima dessa noite difficil, sem tocar-me no corpo, e acordar no dia seguinte já familiarisado commigo, e já desopprimido do constrangimento que a nós ambos vexava—acceptaria essa graça como um presente do céu. E, no entanto, ia se despindo, affectando um grande empenho em achar-se ao meu lado, na cama...

Pobres de nós! começamos a mentir um para o outro desde o primeiro dia do nosso consorcio!

Aluizio Azevedo.



O CASO mais serio é o de Pernambuco.

Conheci um homem a quem deram a tarefa de administrar uma fazenda. Estabeleceu-se elle na sua administração, comprou um vergalho, um Diario, um Razão, um cofre de ferro, e começou vida nova. Os tempos correram. Assim como o uso do cachimbo faz a bocca torta, tambem o uso do poder faz as almas cegas. O meu homem habituou-se tanto a fazer gyrrar os dinheiros, a sovar os escravos, a vender os cafés, a assignar os cheques, a descontar as lettras, que acabou por suppor que tudo aquillo,—dinheiros, escravos, cafés, cheques e lettras,—era seu, muito seu, exclusivamente seu.

Quando lhe vieram reclamar a administração que lhe tinham confiado, o homem esbravejou: « Não entrego! isto é meu! » E só sahiu d'alli com as costas moidas a páu...

×

O sr. Barbosa Lima, governador de Pernambuco, habituou-se a ser governador. E já não ha quem o convença de que isto de governos perpetuos é cousa que nem mesmo o velho Pedro II teve. O inclito capitão aboletou-se alli, como em sua casa. Tirem-n'o, se são capazes!

Pernambuco que ha de fazer? Já se foi o tempo em que um vate inflammado podia, com razão, clamar ao velho e bravo leão do Norte:

« Pernambuco! errica a coma!
Agacha-te um pouco e toma
O peso do Paraguay! »

Pois, sim! o sr. Barbosa Lima não é Paraguay. E para evitar que o leão se possa agachar um pouco, mandou-lhe escoral-o com tres mil bayonetas.

Ah! eu, se fosse presidente da Republica, compraria vinte exemplares do *Don Quixote*, de Cervantes, e mandaria-os-lhe de presente aos governadores de todos os Estados da União.

Porque ha alli um capitulo—o que conta *el rematado fin del gobierno de Sancho Pansa*,—que é digno de estudo aturado...

×

Digam-me: que rei, que princepe, que administrador governou jamais seu estado com o alto sentimento de justiça, o entranhado amor da lei, a profunda sabedoria, a malteravel bondade e a inexcedivel probidade, com que Sancho Pansa, investido do governo da Barataria, se pôz a dirigir os negocios de sua ilha phantastica?

A allucinação do amo,—cuja alma de heróe bracejava, anciosa e sedenta, tentando romper os laços que a prendiam aos tempos sem poesia e sem bravura em que vivia,—fizera entrevêr ao espirito acanhado do escudeiro, a perspectiva da fortuna e da gloria, do orgulho e do fausto que cercam os governos supremos. Na terra bruta daquella espirito, o sonho germinou e cresceu. E, através dos jejuns prolongados e das caminhadas longas, da aldeia natal á Serra Morena, da Serra Morena ás bodas de Camachó, das bodas de Camachó á caverna de Montesinos, da caverna de Montesinos á Barataria,—essa esperança alentava Sancho em cima do seu burro fiel, dando-lhe ás costas resignação bastante para soffrer as pauladas, e á alma cegueira bastante para não

vêr a loucura do amo. A principio, a sua fome de dinheiro, (que não é para espantar em um moço de cavalha-riças, quando a vemos todos os dias tão grande em gente da melhor especie,) levou-o a desejar que os habitantes da ilha fossem negros, para que mais facilmente pudessem ser vendidos a dinheiro á vista.

Mas, uma vez investido do poder, a sua honestidade apparece pura, o seu bom senso apparece rutilante. E já é Salomão quem governa a ilha, tal se manifesta a sua sabedoria, até que desilludido e moido de pancadas, vendo tão mal empregada a sua boa vontade, e tão mal recompensado o seu amor, Sancho Pansa, abraçado ao seu burro, e regando-lhe a cabeça com um chuveiro de lagrimas sinceras, resolve abandonar o governo.

X

E' então que Cervantes põe na bocca do malfadado escudeiro a mais bella phrase do livro, — uma phrase que é todo um codigo de preceitos administrativos, toda uma Biblia de probidade governamental. O mordomo da Barataria faz vêr a Sancho que os governadores nunca abandonam o governo sem prestar contas da sua administração. E Sancho, indignado, protesta:

— Que contas, velhaco? Só o duque meu senhor m'as pôde pedir: e a elle lh'as darei eu, uma vez que vou d'aqui encontrar-o. Tanto mais quanto, sahindo eu como saio d'estes reinos mais pobre do que entrei, nũ, e com uma mão atraz e outra adiante, — não é mister que diga mais nada, para dar a entender que governei como um anjo!

Curva-se o mordomo a essa razão suprema. E, delicadamente, pergunta a Sancho se necessita de dinheiro para a viagem. Ao que elle responde: «Dê-me vossa mercê um pouco de cevada para o meu burro e um pouco de queijo para mim: que, quanto ao mais, basta-me á graça de Deus!»

X

Bem Pansa! honesto Sancho! *Sancho hermano!* *Sancho christiano!* — como o chamava D. Quixote! Como os governadores de hoje são differentes!

Porque os governadores de hoje, Sancho, não saem do governo nem a páo! Tu sahiste, e sahiste com uma mão atraz e outra adiante. E' verdade que sahiste sem prestar contas, mas sahiste! — e isso é o que o Sr. Barbosa Lima não quer fazer nem á mão de Deus Padre, nem á mão do Congresso!

Esfallou-se o Sr. Martins Junior, que, apesar de tambem ser poeta, pôde bradar a vontade, quanto quizer, a Pernambuco que erice a coma: Pernambuco já não tem coma! Pernambuco está calvo!



— Não me diga porque me compromette!
— Não sei.

Theatros

E' impossivel deixar de fallar de Novelli e do Hamlet. Eu, palavra de honra! preferiria fallar de outra cousa, porque tenho medo de ir contra a opinião do resto do mundo civilisado.

A imprensa, a *uma voce*, deliberou dar a Novelli o titulo de *unico interprete de Hamlet*. E, se me metto a discordar desse consenso unanime dos jornaes, arriscame a ser posto para fóra da classe. E, fóra d'ella, que sara de mim?

Mas, o dever antes de tudo, alma timida! confessa em voz alta que não gostaste nada do trabalho de Novelli, — o que não quer dizer que Novelli deixe de ser um grande actor, e mesmo, quem sabe? o maior actor deste mundo e dos outros.

Pois está confessado. Não gostei do trabalho de Novelli!



Porque? Não sei.

Tambem não sei dizer porque não gosto dos quadros do sr. Facchinetti. Não entendo de pintura, não conheço côr, sou myope, sou estrabico, — e não tenho, portanto, nenhuma competencia para critica de pintura. Mas, não gosto dos quadros do sr. Facchinetti, —ahi está: ao passo que gosto de muitos outros quadros, de muitos outros pintores.

Pôde ser que Novelli tenha monopolisado a sciencia de interpretar Shakespeare.

Pôde mesmo ser que Shakespeare, ao escrever *Hamlet*, já estivesse pensando no grande actor, que duzentos e setenta e nove annos depois de sua morte, viria mostrar ao Rio-de-Janeiro o que é pôr em scena o príncipe da Dinamarca. Tudo pôde ser: mas, eu não gostei...

Creio que é o meu direito. Não ha plateas: ha espectadores. Nem todos os espectadores têm os mesmos nervos, a mesma maneira de comprehender e sentir uma obra de arte,

E tenho vontade de dizer aos collegas que descompoem aquelles que não gostaram de Novelli: — amigos! como não quereis que eu tenha o direito de discordar da vossa opinião no tocante ao trabalho de Novelli, quando, no tocante ao proprio trabalho de Shakespeare, um tantos sujeitos—Taine, Voltaire etc. (que não valem tanto como nós, mas sempre valem alguma cousa) não conseguiram chegar a accôrdo perfeito?



O que complica sempre a interpretação de *Hamlet* é a preocupação que os actores têm de *fazer novo*. Cada actor que apparece quer fazer cousa differente da que fez o actor que o precedeu. Sendo assim, ha sobre a mesma peça uma infinidade de interpretações, dadas á escolha do espectador, como, no genero reposteiro, ha, nas casas de tapeçarias, amstras diversas que o freguez examina á vontade. Ha quem goste de reposteiros vermelhos. Eu não gosto. Prefiro os reposteiros côr de havana. Ainda uma vez: não acham que é o meu direito?



Parece que não. Parece que sou obrigado a gostar da maneira Novelli, por bem ou por mal. No Rio de Janeiro, agora, não se pôde mais discutir, nem sobre arte, nem sobre nada. Os animos ficaram quentes, guardaram o calor dos bombardeios, —depois da revolta.

Quem não gosta de Novelli é burro!



Pois eu não gosto. Sou burro? paciencia...

Such.

O BALÃO INDIRIGIVEL

